

Apologética Cristã V

Paulo em Atenas (Atos 17:16-34)

Alan Myatt

A Bíblia nos dá um exemplo da metodologia apologética de Paulo no discurso no Areópago de Atos 17. Paulo enfrentou as filosofias gregas e demonstrou como elas podem ser abordadas para declarar claramente o evangelho como a única alternativa. Daí cabe a nós examinarmos o discurso para aprendermos qual era a atitude de Paulo em relação às filosofias gregas e como o evangelista deve utilizar a apologética na pregação do evangelho.

v. 16-17 — A cidade estava cheia de ídolos. Atenas era conhecida por ter mais ídolos que o resto da Grécia. Petrônio calculou que existia 30 mil deuses nas ruas e prédios públicos. Paulo ficou revoltado no seu espírito e foi para a sinagoga, como sempre fazia, para discutir com os judeus e os gregos. Mas ele não deixou de pregar na praça também.

v. 18-21 — Os estóicos e epicureus ouviram Paulo e disputavam com ele. Os filósofos reconheceram que Paulo estava pregando uma doutrina nova e estranha. Em vez de assimilar a nova doutrina, eles perceberam que era bem diferente das idéias deles.

Os epicureus eram ateus e materialistas. O propósito deles era livrar o homem do medo dos deuses através da negação da sua realidade. Eles negavam a vida depois da morte (e o juízo final) e devem ter ficado escandalizados com a noção da ressurreição. Segundo os epicureus, a realidade última consiste apenas em matéria composta de átomos. Os deuses eram simplesmente símbolos.

Os estóicos eram panteístas. Eles acreditavam que o *logos*, ou Deus, era uma energia que permeava tudo e que dava ordem e estrutura ao universo. O *logos* guiava a sorte dos homens e tudo que acontecia além da vontade do homem não podia ser mudado. Portanto, os homens não devem se preocupar com as coisas além do seu controle, mas devem aceitá-las sem ficar perturbados. O que será, será. Eles acreditavam na unidade da humanidade e na paternidade de Deus.

Os filósofos chamavam Paulo de "paroleiro" (*spermologoí*) que quer dizer vagabundo ou uma pessoa que não presta. Obviamente eles não respeitaram a doutrina de Paulo, mas pelo menos eles estavam abertos para ouvir mais sobre ela. Daí, eles o levaram para o Areópago.

v. 22 — Paulo reconheceu a religiosidade do povo ateniense como um fato, mostrando um nível do entendimento deles.

v. 23 — O Deus desconhecido. Era muito comum eles terem altares aos deuses desconhecidos, para o caso de um deus ficar irado por não ter recebido sacrifícios. Paulo não identificou o Deus verdadeiro com nenhum dos deuses gregos, mas com franqueza disse que eles estavam ignorantes desse Deus. O propósito de Paulo foi anunciar este Deus. O que segue, pois, deve ser entendido como uma exposição do verdadeiro Deus. Paulo não adaptou o seu conceito de Deus às idéias dos filósofos, mas colocou perante eles a antítese completa entre o paganismo e o cristianismo. O discurso é um ataque frontal contra a cosmovisão grega. Podemos ver pelo menos 25 proposições de Paulo que contradizem idéias comuns entre os gregos antigos.

(1) Paulo respondeu “sim” à pergunta: “Será que Deus pode ser conhecido?” Isso é uma refutação dos cétricos gregos e dos epicureus, que negavam a existência de Deus.

(2) Paulo não começou com uma prova da existência de Deus (v. 24). Ele pressupôs a realidade de Deus, mas não qualquer Deus; o Deus Criador. Contra os materialistas, asseverou que Deus realmente existe.

(3) Paulo declarou a distinção entre a criação e o Criador. Os deuses dos gregos não eram transcendentais no sentido de serem separados do universo. Para eles o universo em si era último, mas para Paulo só Deus era. O panteísmo, o politeísmo e o ateísmo estavam excluídos do pensamento paulino.

(4) Deus é Senhor do céu e da terra. Ele não é apenas um símbolo, nem é o cosmos em si. A implicação é que Ele é pessoal, e enquanto os gregos tinham deuses pessoais, a realidade última era impessoal na sua filosofia. Com certeza, nem a realidade última dos gregos, nem os deuses, eram considerados seres soberanos sobre a terra. Paulo introduziu uma estranha idéia de Deus, que contradisse tudo em que os gregos acreditavam.

(5) Deus não habita em templos. Alguns filósofos gregos concordaram com essa reivindicação, mas a existência dos muitos templos em Atenas deu bastante testemunho ao fato de que a maioria dos gregos localizaram os seus deuses aí. Paulo defendeu a onipresença de Deus.

(6) Paulo declarou a asseidade ou independência de Deus (v. 25). Deus não precisa de nada, mas é completo em si. Os rituais religiosos, pois, não acrescentam nada a Deus. A religiosidade do povo grego era irrelevante para o verdadeiro culto a Deus. Mais uma vez Paulo destacou a distinção entre o Criador e a criatura.

(7) Deus é a origem da vida. Segundo os epicureus a vida era a forma mais alta de organização da matéria. A vida tinha uma origem impessoal, segundo eles. Para os estóicos a origem de tudo, o *logos*, era também impessoal. Paulo declarou que na origem da vida e de todas as outras coisas estava um Deus infinito e pessoal.

(8) Paulo atacou o racismo e o elitismo, e também colocou todas as pessoas no mesmo nível quando declarou a unidade da raça em Adão (v. 26). Os estóicos aceitavam a unidade da raça humana no sentido físico. Outros gregos não acreditavam nessa unidade, mas faziam uma distinção entre eles mesmos e os bárbaros. Além disso, alguns gregos (gnósticos) distinguiam entre três classes de homens: os homens da carne, os homens da alma, e os homens do espírito. Os homens da carne eram incapazes de entender coisas espirituais, os homens da alma tinham alguma capacidade para entender, mas apenas até certo ponto, e os homens espirituais (naturalmente os gnósticos) tinham uma superioridade que lhes permitia acesso ao conhecimento oculto da sua religião.

(9) Deus fez o homem para cumprir um propósito. O homem não existe por acaso mas a sua existência tem significado. Paulo fez uma alusão ao imperativo cultural que Deus deu ao homem, para ele se multiplicar e encher a terra.

(10) A história é predestinada por Deus. Na área da teleologia, a história tem um fim determinado por Deus. Especificamente, antes da criação, Deus determinou os tempos e os lugares em que os povos habitariam a terra. A história, portanto, não pode ser cíclica e não era determinada por um destino cego e impessoal, nem era resultado do acaso. Contra essas especulações dos gregos, Paulo afirmou que a história é controlada pelo plano do Deus pessoal.

(11) Deus é soberano sobre os lugares e tempos onde habitam os povos (v. 27). Deus colocou os povos nos seus lugares para que eles O buscassem. A cidade-estado grega não é divina e não merece obediência absoluta, como Sócrates dizia. Só Deus merece tal obediência.

(12) O homem tem a responsabilidade de buscar a Deus. Paulo pressupôs que todas as pessoas fossem capazes de conhecer a Deus. Isso constituiu mais uma negação da idéia de que algumas pessoas são inerentemente superiores no âmbito espiritual.

(13) Deus não está longe de cada um de nós. Deus está interessado no homem. Os epicureus, sendo ateus, e os estóicos, sendo panteístas, achavam que a realidade última não tinha nenhum interesse nos seres humanos.

(14) Paulo citou dois poetas gregos para mostrar que mesmo na sua religião pagã, os gregos tinham recebido alguma coisa da revelação de Deus (v. 28). Os gregos deturparam esta revelação, atribuindo a Zeus as coisas de Deus. Mesmo assim, as idéias de que o próprio Deus seja o ambiente em que tudo existe e a origem de todos os homens não eram noções totalmente estranhas. Paulo colocou conteúdo cristão nas palavras dos poetas gregos.

(15) Paulo revelou a irracionalidade da religião grega (v. 29), mostrando que a sua prática era inconsistente com a sua teoria. Desde que somos gerados por Deus, não faz sentido fabricar imagens das divindades, como se fosse possível criar um deus.

Deus não pode ser representado por uma imagem. Paulo atacou fortemente a idolatria grega.

(16) Deus é misericordioso (v. 30). Deus está disposto a esquecer o que os homens fizeram na sua ignorância, contanto que eles se arrependam e voltem para Ele. Ao contrário dos deuses gregos, o Deus verdadeiro se importa com o homem.

(17) Deus fala. Deus pode se comunicar com o homem através de proposições racionais. O universo não é fechado. Existe uma revelação de Deus e essa revelação vem com autoridade absoluta. A interpretação da realidade ulterior não é descoberta por dentro do próprio universo, mas os princípios para interpretar o universo vêm de fora dele. Deus é o ponto de referência último na área da epistemologia.

(18) Deus manda que eles se arrependam. O ser humano não é autônomo. Deus tem o direito de mandar nele. Paulo estava pressupondo que eles fossem pecadores. A salvação não vem por meio da filosofia, do conhecimento oculto, nem de rituais religiosos. A piedade dos gregos não era gnosis, mas ignorância.

(19) Deus determinou um dia para julgar o mundo (v. 31). Deus controla a história, inclusive o futuro. Ele pode intervir na história. A história caminha para um fim determinado por Deus. O tempo é linear, não cíclico.

(20) Paulo declarou que Deus julgará o mundo com justiça. Deus é o padrão da justiça. O sumo bem é definido pelo caráter de Deus. Contra Sócrates, Deus não ama o bom porque é bom em si, mas o bom é bom porque Deus o ama. Os deuses gregos sempre mudavam e faziam coisas imorais, mas o Deus verdadeiro tem um caráter moral que sempre foi consistente. Deus, portanto, é o ponto de referência final na ética.

(21) Paulo introduziu o conceito da encarnação quando ele disse que o juízo de Deus será exercido por um homem. A encarnação é única, não existem muitos deuses na forma de homem, mas só Jesus Cristo. A salvação está disponível somente através dEle.

(22) Deus deu certeza a todos por meio de um ato na história. Para os gregos, a história não tinha nada a ver com a verdade religiosa. Paulo colocou a idéia hebraica da história diante dos gregos e declarou que os eventos da história são importantes em relação às coisas eternas.

(23) A veracidade do evangelho não é uma questão de probabilidade, mesmo que seja uma probabilidade muito alta. Paulo não pregou que a evidência do evangelho é de 95% e deve ser aceito. Ele disse que era absolutamente verdadeiro sem nenhuma possibilidade de ser falso. O futuro não consiste em possibilidade pura, mas é controlado por Deus.

(24) A prova do evangelho é um evento específico: a ressurreição corporal de Jesus. Paulo negou o conceito grego da relação entre o corpo e a alma. Alguns gregos acrédi-

tavam na reencarnação, e outros (os epicureus), que a pessoa deixa de existir depois da morte. Os gnósticos acreditavam numa evolução espiritual que exigia a saída do corpo. A noção de uma ressurreição física era incompreensível.

(25) Entre os que se converteram, Lucas notou um homem e uma mulher (v. 34). No contexto, isso é extraordinário porque os gregos não consideravam as mulheres iguais espiritualmente aos homens.

Conclusão – Nos versículos 32-34 Lucas relata os resultados da pregação de Paulo. Estas três reações incluíam todas as possibilidades. Alguns rejeitaram a mensagem, achando que era tolice. Alguns quiseram pensar na mensagem e continuar a discussão. Finalmente, alguns outros aceitaram a mensagem, sendo convencidos pelo argumento.

Paulo colocou diante dos gregos, sem ambigüidade, uma escolha entre Cristo e o paganismo. Começando a partir de pressupostos bíblicos, ele respondeu às reivindicações maiores da filosofia e religião gregas mostrando a superioridade do cristianismo. Ele fez uma comparação entre duas cosmovisões e desafiou os gregos a aceitarem a Cristo. A questão relevante para nós é: Como aplicaremos esse exemplo a uma apologetica contemporânea?